
**A Destra do Altíssimo:
O sagrado e a extrema direita em imagens da intentona bolsonarista de 8 de janeiro¹**

Andréa Basílio da Silva CHAGAS²
Bruno Bernardo de ARAÚJO³
Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar os conjuntos sociotécnicos político-religiosos presentes em imagens que circularam na internet sobre a intentona bolsonarista de 8 de janeiro de 2023. Entendemos tais conjuntos como arranjos que inscrevem parte importante da comunicação e propaganda bolsonaristas, organizadas por meio da captura do discurso religioso e de sua imbricação com a militância política, resultando num tipo de populismo de extrema direita. Assim, forma-se uma rede que promove e dissemina a crença na existência de uma batalha espiritual. Norteamos a nossa análise pela TAR (teoria ator-rede) e pelos estudos da tecnoestética de Simondon ([1954] 1992), para seguir as imagens ligadas à intentona bolsonarista divulgadas na internet e/ou compartilhadas nas redes sociais e atravessadas por discursos religiosos.

PALAVRAS-CHAVE: Populismo de extrema direita; mediações; tecnoestética; 8 de janeiro; comunicação político-religiosa.

Introdução

As invasões aos prédios dos três poderes em Brasília não foram eventos isolados; após a eleição presidencial de 2022, que deu vitória a Luiz Inácio Lula da Silva, assistimos a uma série de episódios de viés autoritário, como o fechamento de estradas pelo país e a construção de acampamentos diante de quartéis do exército, com pedidos de intervenção dos militares no processo político. A omissão das autoridades constituídas, incluindo a do próprio presidente Bolsonaro e dos militares, figura ao lado dos discursos golpistas proferidos pelo ex-presidente ao longo de seu mandato, como ingredientes para a intentona de 8 de janeiro de 2023. Além das invasões, o país assistiu a uma sucessão de atos de terror, destruição, roubo e vandalismo, no interior dos prédios e em seu entorno,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Bolsista de pós-doutorado do Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Edital CAPES 16/2022. E-mail: andreabasiliochagas@gmail.com.

³ Professor do Programa de pós-graduação em Comunicação e do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. Líder do MídiaTicus – Grupo de Pesquisa em Mídia, Política e Democracia. E-mail: brrunoaraujo@gmail.com.

com o intuito de desestabilizar o governo recém-empossado, subverter a ordem e reconduzir a extrema direita ao poder. Sem dúvidas, não se tratou de um fenômeno de convulsão rápida e espontânea; foi um acontecimento gestado desde antes das eleições, nutrido por uma comunicação sistemática e sofisticada, que se utilizou da internet e até de meios de comunicação pretensamente jornalísticos.

Neste atentado à democracia brasileira, cerca de 3.900⁴ pessoas saíram de suas casas para lutar com Deus, pela Pátria e pela Família, para participar de uma luta contra o comunismo propagada nas redes bolsonaristas há anos, insufladas pelo discurso do líder, que alegou fraude nas urnas eletrônicas, tese já desmentida pelas autoridades eleitorais do país. Nos palácios, durante a intentona, entre os pedidos de “intervenção militar”, o vandalismo foi orgulhosamente filmado pelos próprios perpetradores, que difundiram imagens e gestos em uma rede sociomaterial ligada, entre outros aspectos, à religiosidade cristã, principalmente à evangélica (8 de janeiro...,2023).

Mais do que uma aliança entre políticos, grupos e líderes religiosos, o bolsonarismo mesclou suas pautas políticas a leituras cívico-religiosas do mundo. Mais do que tomar a internet e as redes sociais, a comunicação bolsonarista fez de cada bandeira do Brasil e de cada brasileiro com as cores verde e amarela uma manifestação política. O bolsonarismo “sequestrou” a “vontade de Deus”, difundindo-a em mensagens de WhatsApp, conselhos pró-Bolsonaro ou na demonização das esquerdas.

Fazendo da direita sua sagrada mão contra o mal, mais do que a apropriação de símbolos religiosos, o bolsonarismo tentou vincular-se a paixões nacionais. Com isso, criou a trama comunicacional que o cerca, nutre e constitui. Neste trabalho, nos concentramos neste recorte: nas redes comunicacionais que explicam, em parte, o 8 de janeiro, no uso da potência ágrafa das técnicas e nos cruzamentos entre política e religião, de grupos que parecem se enxergar, ou tentam performar, como a destra do altíssimo.

Assim, nosso objetivo neste texto é estudar os conjuntos sociotécnicos político-religiosos (suas mediações, potências comunicacionais e semiótica) presentes nas imagens⁵ da intentona bolsonarista, bem como compreender a comunicação político-religiosa contemporânea, no contexto da ascensão do populismo de extrema direita no

⁴ Segundo reportagem de Jornal O Estado de S. Paulo. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/8-janeiro-mes-ataques-golpistas-invasao-brasilia-o-que-se-sabe/>. Acesso em: 10 julh.2022.

⁵ Um alerta ao leitor. Esse trabalho faz um estudo da comunicação político-religiosa no bolsonarismo, a partir da análise de imagens da intentona de 8 de janeiro, disponibilizadas na internet. Porém, é preciso ressaltar que, por questão de espaço, tais imagens não foram anexadas ao corpo do trabalho. Este texto conta somente com as descrições das imagens e links para consulta.

Brasil. Com isso, apontamos detalhes ou ao menos uma pequena parte deste actante político-religioso usado pela extrema direita para justificar seus princípios e agência, que é marcador de sagrado, bondade e poder, um actante que chamaremos aqui de Deus no bolsonarismo.

As imagens estudadas possuem duas origens: ou circularam em grupos de WhatsApp, na ocasião dos acontecimentos, ou foram encontradas, *a posteriori*, na internet, especificamente em quatro canais de Youtube que abordaram os eventos. Seleccionamos dois canais de notícias, um ligado à mídia tradicional – o canal da CNN Brasil, e outro ligado à mídia independente – o Meteoro Brasil. Incluímos, ainda, dois canais evangélicos: “Dois dedos de Teologia”, que fez um programa tecendo duras críticas ao ocorrido, enquanto reafirmava seu alinhamento à direita; e o canal da Igreja Primitiva, que somente publicou um vídeo de oração.

Para compreender os arranjos performáticos presentes nas imagens sobre a intentona bolsonarista de 8 de janeiro e sobre os eventos que o precederam, norteamos a nossa análise pela TAR (teoria ator-rede), pelos estudos das potências estéticas das técnicas, de Simondon ([1954] 1992), além de analisar as imagens com base na comunicação em performance, crítica da representação e do antropocentrismo, feita por Latour (2004). Investigamos, assim, os actantes construídos nas imagens, procurando compreender a rede político-religiosa presente nos eventos golpistas.

Esse arcabouço teórico nos permite compreender o bolsonarismo como um arranjo profundamente tecnoestético. De fato, entre bandeiras do Brasil, de Israel e dos Estados Unidos, cavalgadas, Talites, camisetas da CBF e reencenações de discursos de Joseph Goebbels, além de bíblias, fardas, cruzeiros, armas e cânticos sobre a potência sexual de seu líder, a comunicação bolsonarista atua calcada em afetações tecnoestéticas e feixes sensoriais (Simondon, [1954] 1992), gamas tecnoestéticas, também muito presentes na comunicação religiosa, sobretudo naquela atravessada por inspirações carismáticas (Chagas, 2021). Assim, mais do que um movimento ultradireitista, tradicional ou monolítico, o bolsonarismo atua de forma muito maleável, adequando-se a cada grupo, com múltiplas performances de populismo de extrema direita (Araújo; Prior, 2021).

De fato, desde a eleição de 2018, o bolsonarismo tem se valido da estética e de falas religiosas para compor a sua comunicação dentro de um regime de enunciação político-religioso (Chagas, 2021), aspecto importante para a extrema direita, já que os

números mostram que o apoio de grupos religiosos conservadores foi essencial para a eleição de Bolsonaro e para manutenção de sua base atual.

Nosso argumento neste trabalho é de que mais do que uma rede de sustentação política, a intentona bolsonarista de 8 de janeiro de 2023 demonstrou a radicalização de alguns grupos e o uso da fé e de discursos religiosos como ferramentas de comunicação para insuflar a ruptura com os valores democráticos, como apontam as muitas falas religiosas feitas por manifestantes presos após a tentativa de golpe. Entre elas, a de um manifestante, segundo a qual, se fizesse algo contra Lula, iria para o céu (Feitoza, 2023)⁶, o que evidencia o alcance do atravessamento entre política e religião no bolsonarismo que discutiremos a seguir.

1. A mão da extrema direita sobre a democracia

As eleições presidenciais de 2022 marcaram a história do Brasil. Não só pela acirrada disputa entre direita e esquerda – algo que no Brasil tem contornos muito próprios –, mas pelos ataques à democracia que aconteceram antes, durante e após o pleito. A disputa, ocorrida em dois turnos, em outubro e novembro do mesmo ano, se deu no fim do primeiro (e único) mandato de Jair Messias Bolsonaro, e marcou o enfrentamento de dois dos mais importantes e antagônicos líderes políticos da contemporaneidade nacional. O líder da extrema direita brasileira, Jair Messias Bolsonaro (ex-militar e entusiasta da ditadura cívico-militar, ocorrida no Brasil entre 1964 e 1985) e Luiz Inácio Lula da Silva (ex-sindicalista, ex-presos-político e um dos mais expressivos líderes da esquerda na América Latina).

Assim como o pleito ocorrido em 2018, as eleições de 2022 foram marcadas pelo uso expressivo da internet, redes sociais e pela profusão de *Fake News*, feitas e disseminadas por uma “máquina de desinformação”, montada pela extrema direita (Borges, 2022). Esse mecanismo de desinformação ultradireitista teve como um de seus alvos preferenciais a integridade e a confiabilidade das urnas eletrônicas e de todo o sistema eleitoral (Melo; Soprana; Galf, 2022). Um tipo de ataque à democracia, que iniciou antes mesmo da primeira eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República, no pleito de 2018 (Ribeiro; Menezes, 2022), já que após o episódio da facada, ainda no

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/golpe-militar-evitaria-comunismo-escravidao-sexual-e-daria-salvacao-espiritual-dizem-presos-no-81.shtml>.

hospital, Bolsonaro já fazia pronunciamentos colocando em xeque a lisura das urnas eletrônicas e afirmando que só perderia a disputa presidencial se houvesse fraude. nesse sentido, é ilustrativo o trecho abaixo, retirado da reportagem do site *Aos Fatos*, de 6 de junho de 2022.

Em setembro de 2018, após o atentado a faca em Juiz de Fora (MG), Jair Bolsonaro, então candidato do PSL, fez uma live direto da cama do hospital na qual sugeriu a existência de uma conspiração do PT para impedir sua vitória à Presidência da República. Desde então, ele repetiu ao menos 84 alegações de fraude nas urnas eletrônicas ou sobre uma suposta fragilidade dos processos de votação no país. Nenhuma delas se provou verdadeira (Ribeiro; Menezes, 2022).

Essas afirmações, colocando em xeque a lisura das eleições, foram repetidas várias vezes ao longo de seu mandato presidencial. Uma rede massiva de propaganda populista que afirma Bolsonaro ou o bolsonarismo como vítima, como parte de uma classe (um povo de bem) atacado por um “sistema” corrupto, vítima de uma conspiração global do mal.

Após o final do pleito de 2022, com a vitória de Lula, o fim da disputa não significou o final da campanha de desinformação. É preciso ter claro, como aponta a professora Marie Santini, diretora do NetLab da UFRJ, em entrevista à GloboNews (2022), que a extrema direita contemporânea possui como estratégia comunicacional de “campanha permanente” e de produção de *Fake News* (Santini, 2022). Uma máquina de mentiras, desinformação, pós-verdades, teorias da conspiração e revisionismo histórico, em muito, voltadas a atacar instituições democráticas, minorias sociais e grupos minorizados e disseminar pânico moral, medo do comunismo e de pautas LGBTQIA+. Modos de entendimento reacionários que não só alicerçam a comunicação bolsonarista, como parecem importantes motivadores das tragédias de 8 de janeiro e todo seu entorno.

Com o fim das eleições e a constatação da derrota de Bolsonaro nas urnas, o Brasil começou a assistir a uma série de episódios de viés autoritário. Em várias partes do país, grupos bolsonaristas se mobilizaram, foram às ruas questionando as eleições e pedindo uma “intervenção militar” ou “intervenção federal”. Ou seja, um golpe militar com uma roupagem constitucional, como exemplifica a fala de um “manifestante bolsonarista” publicada pela revista *Piauí*: “não queríamos um golpe”, disse o homem, “queríamos algo dentro da Constituição”, repetindo a fraudulenta versão bolsonarista de que o art.142 da Constituição daria aos militares um poder moderador na república (Costa, 2023).

Logo após o fim das eleições, bolsonaristas começaram a bloquear estradas e queimar pneus, como forma de dificultar a circulação de pessoas e mercadorias, tentando instaurar a desordem e causar uma ruptura democrática no país. Entre pedidos de intervenção militar, e contando com a omissão do estado, manifestantes bolsonaristas faziam aglomerações, protestos e acampamentos em frente aos quartéis, em um movimento que, segundo manifestantes, duraria 72 horas, mas que se esticava, minuto a minuto, dia após dia, semana após semana, tensionando as relações institucionais e políticas. Enquanto isso, nos acampamentos, os manifestantes eram nutridos com fartas refeições – doadas por patrocinadores do pedido de golpe – celebrações religiosas, discursos golpistas e uma profusão de desinformações. Com o passar do tempo e a aproximação da posse do novo governo, o país assistiu a um escalonamento das tensões e uma sucessão de atos de terror, destruição e vandalismo.

2. A Intentona

Dia 8 de janeiro de 2023, início da tarde de um domingo em Brasília, uma legião de bolsonaristas deixou o acampamento que estava em frente ao quartel do exército. Entre eles, havia pessoas de todas as idades, vindos de várias partes do Brasil, uns já acampados há muito tempo, outros recém-chegados a Brasília, na centena de ônibus fretados, caravanas e grupos mobilizados, que segundo indicam alguns bolsonaristas evangélicos, presos após a tentativa de golpe, poderiam ter sido mobilizados, por algumas igrejas evangélicas, apoiadoras do ex-presidente Messias⁷.

Unidos em cortejo, os manifestantes avançavam até a Esplanada dos Ministérios, escoltados pela polícia, a grande maioria trajada com as cores nacionais, verde e amarelo. Nas mãos, era possível ver muitas bandeiras, algumas faixas e símbolos nacionalistas; nas vozes, palavras de ordem, cantos que entoavam, pelo menos em parte do trajeto, o lema fascista/integralista: Deus, pátria e família, acrescido da palavra liberdade (Meteoro Brasil, 2023).

Ao chegar à Praça dos Três Poderes, como mostram as imagens, exaustivamente expostas pela televisão e na internet, a turba, tomou o gramado e, por fim, invadiu os prédios dos três poderes.

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/V8k7h0sgJZk>. Acesso em: 1 jun.2023.

Ao entrar no palácio, em meio ao terror da destruição sistemática do patrimônio público, via-se uma multidão que gizava uma “dança” entre humanos e técnicas. Um arranjo tecnoestético, onde, no mesmo ato, capturavam-se imagens de bíblias sendo erguidas, abertas, alçadas aos céus, conduzindo os “patriotas” em oração⁸, e imagens de obras de arte, antiguidades, togas e janelas linchadas, sendo despedaçadas a pauladas. Um abraço semiótico material que expõe hierarquias, apontando que os tipos de actantes, de pensamentos e de agências têm valor e o direito de existir, para aquele grupo bolsonarista.

Em outra imagem, uma foto recebida por WhatsApp, mostra uma bandeira de Israel, que se destacava em meio ao mar de verde amarelo. Um actante profundamente político-religioso para o Bolsonarismo, mais uma vez apropriado pela extrema direita, como em tantas outras manifestações, vistas e analisadas por nós (Chagas, 2021). Da mesma forma, usada, tantas vezes, como marcador de neorestauracionismo⁹, purismo cristão e filosemitismo. Dentro do prédio, bolsonaristas depredavam as poltronas da corte, uma obra de Jorge Zalszupin, um sobrevivente do holocausto (Figueiredo, 2023).

Ainda na mesma imagem que continha a bandeira de Israel, o grupo parecia celebrar uma vitória. Filmava-se com celulares, junto à estátua da justiça, na frente do Supremo Tribunal Federal a imagem de uma réplica da Constituição, roubada pela massa, sendo erguida como um troféu, em meio ao mar de verde e amarelo. Uma parte amputada do corpo da democracia, um coração exposto à sanha de pessoas que se portavam como linchadoras e pareciam se entender justiceiras, prontas para reescrever as leis à sua imagem e semelhança.

O bolsonarismo sempre teve uma comunicação ultrarreligiosa. Desde o *slogan* de campanha, “*Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*”, que já buscava associar a figura de Bolsonaro a Deus e parecia tentar conectar a imagem do militar forte e altruísta, resgatando o lema nacionalista usado na ditadura Brasileira, lema esse com fortes conexões com o lema nazista, “*Alemanha acima de tudo*” (Cunha, 2022). A ele, somava-se a alusão a Deus, desenhando a forma de um líder submisso e obediente à figura de um

⁸ Imagens vistas no canal Dois Dedos de Teologia, no programa: “O Cristianismo Deturpado”, que falava sobre a intentona bolsonarista.

⁹ O neorestauracionismo é uma proposição teórico-metodológica, feita na tese “Uma Ponte para Jerusalém” por Andréa Chagas (2021), que compreende o uso e apropriação de elementos da Cultura/religião judaica, feitos na contemporaneidade brasileira, como uma onda tecnoestética contemporânea, com influências do restauracionismo clássico. Essa proposição, não tem ambições teológicas, almejando apenas, melhor compreender a tecnoestética, a comunicação religiosa iurdiana/neopentecostal e seus desdobramentos na comunicação político-religiosa do tempo presente. Também é preciso salientar que nos referimos a Cultura/religião judaica no singular, sem problematizar toda as pluralidades envolvidas, não só para facilitar a escrita do texto, mas também porque essa pasteurização do judaísmo e da judeidade é, pelo menos em parte, parte das traduções cristãs que compõe o neorestauracionismo.

“Deus cristão” poderoso e universal, passando pelo enfático apelo a pautas morais e o uso de toda estética religiosa.

Desde o início da campanha, Bolsonaro aparecia próximo a artefatos religiosos: quadros, imagens, livros e símbolos sagrados, chegando a se batizar com um pastor no Rio Jordão, apesar de ter se declarado católico. Na sua campanha, fez uso frequente de Menorahs, bandeiras de Israel e estrelas de Davi, elementos da cultura/religião judaica tomados pelo neorestauracionismo, usados pelo bolsonarismo como marcador de purismo/primitivismo cristão (Chagas, 2021). De igual forma, as menções a Deus e à Bíblia, entre outros elementos da sacralidade e do vocabulário cristão, sempre foram frequentes na comunicação bolsonarista. Ora como artefato mobilizador de afetos, ora como mecanismo de pertencimento, ou como marcador de território ideológico e, muitas vezes, até como estratégia de santificação da causa bolsonarista e da própria figura de Bolsonaro. Como podemos observar na frequente alusão de Bolsonaro ao episódio da facada, como um tipo de milagre, de ressurreição messiânica, e sua eleição como uma missão divina.

Deus, pátria, família. O Brasil tem tudo para ser uma grande nação. Eu acredito em milagre, tive o primeiro em setembro de 2018, e depois em outubro, que foi quase um milagre uma eleição de quem quase nada tinha levando-se em conta a forma tradicional que se fazia política. Nós tínhamos mais do que o povo ao nosso lado, tínhamos aquele que nos colocou na Terra. E mais do que nunca agora, a fé de todos nós conduzirá o Brasil a um porto seguro, finalizou Bolsonaro¹⁰.

Também podemos observar a mesma mensagem na fala de Michelle Bolsonaro, (na época ainda primeira dama), numa propaganda que vende seu marido como um Messias, uma fala que tem o peso de ser dada por uma legítima evangélica, uma figura religiosa, sem dubiedades como a figura de Bolsonaro (Sandy Mendes; Lago; Vanessa Lippelt, 2022). Projetando uma imagem de “bela, recatada e do lar”, a esposa ajuda a dar peso e credibilidade à propaganda político-religiosa bolsonarista, como mostra trecho de discurso, destacado na matéria do site Congresso em Foco.

Essa campanha, mais uma vez, é um milagre de Deus. Começou em 2019, quando Deus fez o milagre na vida do meu marido, porque aqueles que pregam o amor e a pacificação atentaram contra a vida dele. Mas Deus é maior e a justiça do Senhor será feita. (...) Que Deus dê sabedoria e discernimento ao nosso povo brasileiro, para que não entregue o nosso País, a nossa nação tão amada por Deus na mão dos nossos inimigos (Mendes; Lago; Lippelt, 2022).¹¹

¹⁰ Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/bolsonaro-e-lideres-evangelicos-fazem-oracao-em-direcao-ao-stf-e-congresso-195012758.html>.

Assim, mesclam-se, na comunicação bolsonarista, a teologia do domínio (uma teologia que entende o mundo em uma guerra do bem contra o mal) com estratégias de engajamento das redes sociais, usando o impacto, a revolta e o medo, como motores de compartilhamento. Desse modo, nota-se a profunda afinidade entre as características dessa comunicação político-religiosa bolsonarista com as possibilidades ofertadas pelas plataformas de mídias sociais para a proliferação de discursos populistas, baseados em fortes tons emocionais e disruptivos que jogam com as crenças das pessoas, na linha do que a literatura sobre populismo e comunicação digital tem apontado (Mazzoleni; Bracciale, 2018). No caso bolsonarista, a guerra contra o mal é vendida pela extrema direita ao público, muitas vezes, imersa em uma gramática de desumanização do outro, como ilustra o trecho do discurso de Bolsonaro em janeiro de 2020 destacado a seguir, com forte apelo nas redes.

Abra a mente daqueles que estão do lado da esquerda. Essa maldita esquerda que não deu certo em nenhum lugar do mundo e alguns tentam fazer com que eles voltem ao poder. Agradeço a Deus pelo milagre da eleição. A responsabilidade de todos vocês é enorme. Não dê chance para essa esquerda. **Eles não merecem ser tratados como pessoas normais**, como se quisessem o bem do Brasil, isso é mentira (Bolsonaro..., 2020, grifo nosso)¹².

Trata-se de uma perigosa sugestão de que esses outros não são pessoas. Eles são, simplesmente, o inimigo. Como não há civis na guerra santa declarada pelo bolsonarismo, o outro (o progressista, a pessoa de esquerda, ou até mesmo só o não bolsonarista) tem sido muitas vezes propagado como a personificação do mal, seres corruptos e bandidos, como explicita a fala sobre os professores feita pelo Deputado Federal e filho de Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro (PL).

Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior, porque ele vai causar discórdia dentro da sua casa, enxergando a opressão em todo o tipo de relação. Fala que o pai oprime a mãe, a mãe oprime o filho e aquela instituição chamada família tem que ser destruída (Eduardo..., 2023)¹³.

Como se nota, estamos diante de uma adjetivação perigosa, já que existe uma recorrente fala, entre grupos críticos aos direitos humanos, de que “bandido bom é

¹² CARDOSO, Renato. Pode um verdadeiro cristão ser de esquerda? Entrelinhas (Universal). TV Record, 07 de julho de 2020.

bandido morto”. Na internet, é possível achar falas de vários religiosos bolsonaristas, de diferentes religiões, reafirmando a imagem do inimigo político como um ser demoníaco ou mais próximo do mal, o entendimento da disputa política como uma guerra espiritual. Um exemplo é a fala do Bispo Renato Cardoso, da IURD, feita no programa Entrelinhas, com o título, *Pode um verdadeiro cristão ser de esquerda?* (Chagas, 2021).

Coincidentemente ou não, você encontra que muitas vezes, especialmente o próprio senhor Jesus, atribuía à esquerda o lado esquerdo, os que estavam à sua esquerda, ele atribui a essas pessoas, aquelas que escolheram o mal, que praticaram o mal e decidiram seguir o mal, e eu não creio que isso seja coincidência (Cardoso, 2020, transcrição nossa).¹⁴

Para nós, não há como não enxergar essas constantes referências a um perigo iminente, a um mal demoníaco que ameaça a todos, ao perigo que atingiria as famílias, principalmente as crianças, como um tipo de disseminação de pânico, um chamado a uma “guerra”, por vezes, uma “guerra santa”. Por isso é que temos argumentado ser impossível desconsiderar a conexão entre essas convocações da extrema direita e as tragédias de 8 de janeiro de 2023.

3. Oração de terrorista

Dentro dos palácios, durante os atos de terror, muitos grupos se filmaram em pequenas celebrações religiosas e consagração dos espaços, antes pretensamente laicos. Entre as muitas imagens que circularam nas redes sobre o que alguns chamaram de “Capitólio brasileiro”, um vídeo, visto por nós, primeiramente no canal de YouTube da *Igreja Primitiva*¹⁵ – vídeo criticado pelos fiéis nos comentários – mostrava um grupo de mulheres orando fervorosamente em uma sala dentro de um dos palácios. Vestidas como se para uma festiva partida de copa do mundo, trajadas em áureo e verde, rostos pintados com a figura da bandeira. Um actante que também lhes abraçava os corpos como flâmula, fazendo, na pequena sala, uma celebração religiosa. Na cena, duas das mulheres de joelhos no chão, braços erguidos aos céus; ao fundo, uma outra andava pela sala com uma bíblia aberta nas mãos, todas em uma prece particular, típica das igrejas evangélicas. Fora do quadro da imagem, ouvia-se também uma voz masculina, que tomava a sala, recitando

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GWqKWoxsgQA>.

o Salmo 91:2, “Direi do SENHOR: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei”.

Em outros três vídeos, todos exibidos no canal de Dois dedos de teologia¹⁶, a imagem retrata um Congresso Nacional tomado pelos bolsonaristas. Via-se um curioso arranjo que se repetia com frequência, em várias imagens: um mar de verde e amarelo, de pessoas alegres e celebrando, muitos gritos, muitos celulares e o nome de Deus. Um conjunto que parecia espelhar ou continuar o mundo em que toda aquela ação fora gestada. Um mundo que reúne religião e nacionalismo, mediatizados pelos celulares que fazem circular a comunicação bolsonarista nas redes.

Na primeira imagem, entre as cadeiras do plenário, um homem gritava: “É igual a Moisés, que libertou o povo do Egito! O povo do Brasil vai libertar, o povo do Brasil!” Na mesma imagem, outro homem falava de forma serena e explicativa: “Agora o Senado é a igreja. Até a intervenção militar, a intervenção divina já chegou. Agora é a militar”. Ao fundo, muitas vozes que também pareciam falar sobre aquele momento, mas não conseguimos compreender. Em outro vídeo, um invasor grava a si próprio, falando sobre a eficácia do coquetel contra gás lacrimogênio e da sua necessidade de ajuda para voltar para casa. Ao fundo, um homem grita: “o Brasil agora é do Senhor Jesus!” Outra pessoa, também uma voz masculina, grita em resposta: “É tudo dele!” Novamente, o primeiro homem grita: “O Brasil agora é do Senhor Jesus!”, e continua gritando: “O Senado é a nossa igreja, o Senado é a igreja do povo de Deus. Se você é cristão, vem pro Senado. A mesa está para os pastores, aqui ó... O Senado é nosso. O Senado é nosso. É da igreja do Senhor Jesus”.

No terceiro vídeo, um senhor fala diretamente para o celular dizendo: “E aí gente? Tô (*sic*) no Senado Federal, aqui, ó, missionário ***, servo do Deus vivo. O eterno todo poderoso”. Diz o missionário erguendo a bíblia e continuando:

Tá muito gás... Tive que lavar meus olhos, tomar um banho aqui, lavar minha cabeça, mas graças a Deus, tudo isto para honra e a Glória do Senhor Deus, Jeová, Javé, O Eterno Todo-Poderoso. É isso aí... Jair ... Messias... Bolsonaro! Você vai tá voltando pra essa nação e continuar o seu governo. Porque as trevas tiveram que bater em retirada. Para saber que o Senhor é Deus. Que só o Senhor é Deus. Toda obra da macumbaria, da feitiçaria, caiu por Terra, em nome do Senhor Jesus. Deus abençoe você aí, meu irmão. Aleluia.

¹⁶ Em um programa intitulado: Cristianismo Deturpado, o apresentador, que se afirmava um cristão de direita e conservador, criticava severamente os atos golpistas, comendo os intentona, enviados por seus seguidores, para a crítica do teólogo.

Entre tantos outros vídeos, mostrados pelo canal *Dois dedos de teologia*, as imagens se repetiam, mostrando, quase da mesma forma, cenas de fé misturadas ao vandalismo. Em meio a imagens de bíblias sendo erguidas pela multidão, imagens iguais a tantas outras de bíblias impostas, como já vimos nas manifestações pró-Bolsonaro durante o seu governo, a legião invadia os prédios. Entre orações, vídeos com cânticos religiosos nas galerias do Congresso, que rodaram na internet e ilustraram matérias de canais, como *Meteoro Brasil* e *CNN Brasil*, ficou claro o entrelaçamento político-religioso como um pilar da comunicação bolsonarista. Assim, mais do que uma simples aliança, para os arranjos populistas da extrema direita no Brasil, a religião é um meio, uma rede que sustenta e transporta os fluxos comunicacionais (Latour, 2004b) e as mediações, permitindo o alcance de distintos grupos religiosos.

Para o filósofo Bruno Latour, o exercício da política se dá em um círculo que compreende duas etapas. A primeira de transformar *muitos* em *um* — isso é representação; e a segunda etapa de um segundo trabalho, de retransformar o *um* em *muitos* — isso é o exercício do poder. Porém, já em 2008, em seu texto *Se falássemos um pouco sobre política?*, Latour alertou para um crescente desinteresse sobre a política da época. Para ele, esse desinteresse seria parte de uma crise da representação, em que o falar político e suas representações clássicas estariam se afastando das massas, tornando-se ora incompreensíveis para o grande público, ora entendidos como um emaranhado de mentiras e corrupção (Latour, 2008). Algo que parece ser coerente com o discurso de tantos *outsiders* que se alçam à política, nos últimos anos, para negá-la aos olhos do eleitorado. Ocorre entretanto que, tal como Bolsonaro, essas lideranças, em sua maior parte de viés populista, apelam ao uso da religião justamente para fazer política.

Após os atos de depredação e vandalismo, os bolsonaristas presos declararam, em seus depoimentos, estarem em uma missão santa, divina e patriótica. O próprio Bolsonaro, ao tentar negar que o 8 de janeiro fizesse parte de uma tentativa de golpe, declarou: “ninguém vai dar golpe com senhorinhas com bandeira do Brasil nas costas e a bíblia debaixo do braço”. Uma declaração que consegue ressaltar ainda mais o importante papel da religiosidade no ato e no próprio movimento.

Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos entender os antidemocráticos que culminaram na intentona bolsonarista de 8 de janeiro como um processo estimulado pela comunicação de extrema direita do bolsonarismo, gestada a partir de uma rede de negacionismos, teorias da conspiração, discursos de ódio, misturados a uma canção nacionalista e ultrarreligiosa. Inspirados pela TAR (teoria ator-rede), de Latour, e pelos estudos da tecnoestética de Simondon ([1954] 1992), nosso argumento foi e que a ressonância comunicacional bolsonarista, somada às confluências de pautas conservadoras, reacionárias e até fascistas, imersas ou amarradas a falas ultrarreligiosas, atua como um elástico fluxo comunicacional (Latour, 2004), que permite conexões e convergências entre o bolsonarismo e os grupos religiosos que o apoiam, tendo exercido um papel de estímulo relevante para os atos de 8 de janeiro de 2023.

Não queremos com isso afirmar que a religiosidade foi o foco da intentona, mas assumimos como inegável o atravessamento dos acontecimentos por uma comunicação religiosa que os estimulou e lhes conferiu sentido para os seus participantes. Certamente, a certeza de que se está destruindo o mal, ou tomando posse de um território para Deus, atravessa todo o arranjo sociomaterial daquele dia triste para a democracia brasileira. São arranjos, mediações entre humanos e não humanos, que, para as pessoas cujas ações aparecem nas imagens aqui analisadas, legitimam os atos de violência, propagandeada e naturalizada durante anos, na comunicação bolsonarista. Algo que fez com que as próprias pessoas, com aparente orgulho, se filmassem cometendo os atos de vandalismo.

Homens de bem, homens de fé, patriotas, falas polêmicas, que mais do que mesclar-se a falas religiosas, performaram como uma só: o universo do bom fiel, do estado cristão, do guerreiro ungido por Deus — os quais constituem o povo bom e puro que o líder do movimento diz representar, contra todos aqueles que figuram como inimigos a serem derrotados, numa clássica articulação do discurso populista da extrema-direita. Falas com essas conotações foram divulgadas em profusão na internet, redes sociais e em grupos de WhatsApp, os quais ganharam ainda mais força com o isolamento social em consequência da pandemia da covid-19, e até mesmo na propaganda política feita nos púlpitos de igrejas cujos pastores apoiam Bolsonaro.

Em suma, os arranjos sociomateriais, político-religiosos, que inscrevem parte da propaganda bolsonarista e foram identificados e analisados neste texto, garantiram a configuração de uma rede que promove e dissemina a crença na existência de uma batalha espiritual liderada pelo Messias. A performance chega a um nível de tamanho radicalismo

a ponto de suprimir elementos do amor e da compaixão dos discursos religiosos, para exaltar, em nome de Deus, “o cristão” como um herói ultranacionalista e um soldado em guerra contra o mal. Na comunicação político-religiosa que serve ao bolsonarismo, eis aí a face de Deus, cabendo aos seus seguidores disporem-se do seu lado direito, à sua destra do Altíssimo, contra os comunistas e as esquerdas, a própria encarnação do mal.

REFERÊNCIAS

8 DE JANEIRO: O que se sabe sobre os ataques golpistas em Brasília após um mês da invasão. **Estadão**, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/8-janeiro-mes-ataques-golpistas-invasao-brasilia-o-que-se-sabe/>. Acesso em: 9 ago.2023.

A IGREJA PRIMITIVA. Evangélicos bolsonaristas cantam e oram durante a invasão do Congresso Nacional... **Youtube**, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GWqKWoxsgQA>. Acesso em: 10 ago.2023.

ARAÚJO, Bruno; PRIOR, Hélder. Framing Political Populism: The Role of Media in Framing the Election of Jair Bolsonaro. **Journalism Practice**, v.15, n.2, p.226-242, 2021. Disponível em: DOI:10.1080/17512786.2019.1709881. Acesso em: 20 jun.2023.

BOLSONARO sobre a esquerda: 'Não merecem ser tratados como pessoas normais'. **Correio Brasiliense**, 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/16/interna_politica,820909/bolsonaro-sobre-a-esquerda-nao-merecem-ser-tratados-como-pessoas-nor.shtml. Acesso em: 4 jan.2023.

BORGES, Laís. Estudo mostra que uso de fake news cresce no 2º turno; 'desinformação está mais complexa e sofisticada', diz pesquisadora. **GloboNews**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/estudo-mostra-que-uso-de-fake-news-cresce-no-2o-turno-desinformacao-esta-mais-complexa-e-sofisticada-diz-pesquisadora.ghtml>. Acesso em: 8 ago.2023.

CARDOSO, Renato. Pode um verdadeiro cristão ser de esquerda? **Entrelinhas** (Universal). TV Record, 07 de julho de 2020.

CHAGAS, Andrea B. da S. **Uma Ponte Para Jerusalém: Apropriações tecnoestéticas, neorestauracionismo e comunicação político-religiosa no Brasil contemporâneo**. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 2021. 308f.

CUNHA, Magali Do Nascimento. “Brazil Above Everything. God Above Everyone.” Political-Religious Fundamentalist Expressions in Digital Media in Times of Ultra-Right Populism in Brazil. **International Journal of Communication**. v. 17, 2023, p.2841-2863. Institute for Religions Studies (ISER), Brazil.

EDUARDO Bolsonaro compara professores a traficantes; PF deve analisar fala. **CNN**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-compara-professores-a-trafficantes-pf-deve-analisar-fala/>. Acesso em: 3 jan.2023.

FEITOSA, César. Golpe militar evitaria comunismo, escravidão sexual e daria salvação espiritual, dizem presos no 8/1. **Folha de S.Paulo**, 2 jul.2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/golpe-militar-evitaria-comunismo-escravidao-sexual-e-daria-salvacao-espiritual-dizem-presos-no-81.shtml>. Acesso em: 9 ago.2023.

FIGUEIREDO, Carolina. Cadeiras do STF danificadas por criminosos foram projetadas por sobrevivente do Holocausto. **CNN**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/caadeiras-do-stf-danificadas-por-criminosos-foram-projetadas-por-sobrevivente-do-holocausto/>. Acesso em: 9 ago.2023.

ITATIAIA. Ex-presidente Bolsonaro fala pela primeira vez após se tornar inelegível pelo TSE. **Youtube**, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=670xkgnxxmu>. acesso em: 9 ago.2023.

LATOURE, Bruno. **Redes que a razão desconhece**: laboratórios, bibliotecas e coleções. Porto Alegre: Tramas de Redes Sulinas, 2004a, p. 39-63.

LATOURE, Bruno. Se falássemos um pouco de política? **Política & Sociedade**, 2008. p.11-40. Disponível em: <file:///C:/Users/Patricia/Desktop/POLITICA%20LATOURE.pdf>. Acesso em: 3 jun.2023.

LATOURE, Bruno. “Não congelarás a imagem”, ou: como não desentender o debate ciência-religião*. **MANA**, v. 10, n.2, p.349-376, 2004b. Disponível em: <file:///C:/Users/Patricia/Desktop/Latour.pdf>. Acesso em: 3 jan.2023.

MAZZOLENI, G., BRACCIALE, R. Socially mediated populism: the communicative strategies of political leaders on Facebook. *Palgrave communications* 4:50, 2018, 1-10.

MELO, Patricia Campos; SOPRANA, Paula; GALF, Renata. Fake-news-sobre-urnas-pesquisas-e-tse-dominam-eleicao-de-2022. **Folha de S.Paulo**, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/fake-news-sobre-urnas-pesquisas-e-tse-dominam-eleicao-de-2022.shtml>. Acesso em: 8 ago.2023.

MENDES, Sandy; LAGO, Rudolfo; LIPPELT, Vanessa. Teologia do domínio: entenda o que é e o papel de Michelle na campanha. **Congresso em Foco**, 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/teologia-do-dominio-entenda-o-que-e-e-o-papel-de-michelle-na-campanha/>. Acesso em: 20 jan.2023.

METEORO BRASIL. Como ocorreu o ataque aos três poderes. **Youtube**, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8towK35Akiw&t=231s>. Acesso em: 9 ago.2023.

NAZÁRIO, Heleno Rocha. **Em ensaio, docente analisa o 8 de janeiro a partir da ótica anti-racista**. Universidade Federal do Sul da Bahia. Disponível em: <https://ufsb.edu.br/ufsb-ciencia/4173-em-ensaio-docente-analisa-o-8-de-janeiro-a-partir-da-otica-anti-racista>Acesso em: 9 ago.2023.

RIBEIRO, Amanda; MENEZES, Luiz Fernando. Como a desinformação sobre urnas abasteceu a artilharia de Bolsonaro contra o sistema eleitoral. **Aos Fatos**, 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qrvK2>. Acesso em: 9 ago.2023.

SIMONDON, Gilbert. **Sobre a tecnoestética**: carta a Jacques Derrida. Paris, ([1954] 1992).